

QUESTÕES DE INSULARIDADE NO MEDITERRÂNEO ANTIGO



Figura 1: Vista aérea de Despotiko (cortesia de Yannis Kourayos).

Nos últimos anos, as ilhas, tema antes periférico nas investigações acadêmicas, tornaram-se objeto central de estudos. Com esse movimento, as ilhas vêm sendo abordadas menos como utopias, projeções de sonhos ou regiões irrelevantes em perene subordinação a poderes externos e mais como paradigmas de mudanças globais. Para cientistas, ajudantes humanitários e formuladores de políticas, elas apresentam condições para uma observação em primeira mão de fenômenos como a elevação do nível do mar e a acidificação do oceano, bem como de movimentos em massa de refugiados e do desaparecimento de culturas tradicionais. Como consequência disso, estudiosos de múltiplos horizontes disciplinares vêm agora se dedicando ao estudo das ilhas.¹

¹ Dawson; Pugh (2022).

Desde a década de 1940, o estudo das ilhas mediterrânicas vem sendo reabilitado em grande medida devido a novas concepções teóricas que forneceram perspectivas renovadas para a abordagem de materiais e narrativas bem conhecidos. As ideias revolucionárias de Fernand Braudel, apresentadas no inovador *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II* (1949) alterou o foco de atenção, levando-o das fronteiras continentais da região para a bacia marinha, incluídas suas ilhas, como forma de compreender os vários processos que se desenvolvem na longa duração.² Na mesma época, Emile Kolodny argumentou que o isolamento absoluto – um conceito que se considerava aplicável sobretudo às ilhas do Pacífico – era desconhecido no mundo grego.³ Os estudos insulares foram subsequentemente fortalecidos no início da década de 1980 pela combinação da arqueologia processual e da biogeografia nos trabalhos de John Cherry como forma de explicar as dinâmicas de interações entre culturas, suas semelhanças e diferenças no processo de colonização de diversas ilhas mediterrânicas.

A obra *The Corrupting Sea: a study of Mediterranean history* (2001), de Peregrine Horden e Nicholas Purcell, aportou o principal avanço subsequente no estudo das ilhas mediterrânicas. O estudo abordou temas comuns na região ao longo dos três ou quatro últimos milênios, levando em consideração a extrema fragmentação em diversas paisagens terrestres e marítimas. Nessa análise inovadora das relações entre os diversos sistemas micro-ecológicos, as ilhas novamente assumiram uma posição de proeminência. Os autores fizeram notar que o Mediterrâneo tem sido uma área de incertezas bem como de grande mobilidade, dotada da costa mais extensa por unidade de superfície em todo o planeta. O fato de que navegadores podiam atravessar grande parte do mar sem perder a terra de vista, ademais de o Sol iluminá-lo ao longo de todo o ano, tornaram o Mediterrâneo uma terra de oportunidades que estimulou seus habitantes à diversificação, à produção e à exploração. Ademais, Patrice Brun reavaliou extensamente o papel da pobreza na moldagem da vida em diversas ilhas do Egeu, recorrendo a fontes antigas, tanto arqueológicas como textuais, para demonstrar a prosperidade econômica de ilhas como Naxos, uma grande produtora de vinho, e Kythnos, produtora de queijo. Brun mostrou que a alegada pobreza das ilhas era frequentemente associada à ideia equivocada de seu isolamento, o que constituía antes um *topos* literário enraizado em visões idílicas

² Braudel (1958). É importante notar aqui que estudos atuais não consideram que nem mesmo as ilhas do Pacífico tenham sido isoladas; ver Terrell (1977, 1999 e 2018).

³ Kolodny (1974).

de poetas de época helenística, romana e bizantina.⁴ Mais recentemente, no início dos anos 2000, Cyprian Broodbank se valeu da chamada “análise do ponto proximal” para explicar relações entre ilhas (*islandscapes*), repensando assim os pressupostos, os objetivos e os métodos da arqueologia insular.⁵ Mais especificamente, Broodbank rejeitou a abordagem linear para dar conta da relação entre as ilhas mediterrânicas, sobrepondo-lhe uma abordagem reticulada, a dar conta da interação entre todas as ilhas e delas com as sociedades estabelecidas no continente. O campo, hoje em pleno desenvolvimento, dos estudos insulares adotou em ampla medida a abordagem reticulada da história, da vida social e religiosa e da cultura material das ilhas mediterrânicas.

Nos quadros dessa pesquisa, o volume *Questões de Insularidade no Mediterrâneo Antigo* apresenta entrevistas, artigos e resenhas de livros que, em conjunto, trazem luz para problemas atuais nos estudos sobre as ilhas, tais como a identidade local e mudanças ambientais. Os oito estudos oferecem uma perspectiva interdisciplinar que reúne materiais arqueológicos, históricos, geográficos e literários para iluminar diversos aspectos da insularidade na Grécia antiga – especialmente na região do Egeu – na longa duração, aqui especificamente entre a Idade do Ferro e a época romana.

Dentro dos diversos temas dos estudos de insularidade, Ioannis Petropoulos, em *Field notes from the Odyssey: the fabulous ethnography of Aiolie, Aiaie, and Ogygie*, se envereda pelo debate das ilhas como lugares do fantástico. Ao analisar as três ilhas no Apólogo da *Odisséia*, mostra como a obra, cujo herói principal é um ilhéu, é texto fundamental para entender a percepção grega arcaica de ilhas como locais “remotos de fantasia, onde o primitivo e fatos extremos prevaleceram” – as bases da percepção ocidental sobre as ilhas.

Isolamento e conectividade, quase sinônimos de insularidade no debate contemporâneo sobre o tema na academia, são analisados a partir de diferentes realidades históricas, arqueológicas e geográficas nos demais estudos. Doug Forsyth, em *The Iron Age Cyclades and Crete: different approaches to connectivity speculatively related to food security*, propõe, a partir das evidências arqueológicas disponíveis, que fatores ambientais, o principal deles a pluviosidade, tiveram um papel importante em como a

⁴ Na vasta massa dessa produção acadêmica, os trabalhos mais relevantes são: Contantakopoulou (2010); Knappett (2011); Malkin (2011); (Malkin), Contantakopoulou; Panagopoulo (2011); Collar (2015); Dowson (2010b, 2010c, 2014, 2015, 2019a, 2021).

⁵ Broodbank (2000), (21-23, 239).

conectividade nas ilhas cicládicas se desenvolveram na Idade do Ferro. O autor compara o caso das Cíclades com o da ilha de Creta, que detinha uma maior autonomia de água e de alimentos que as Cíclades, o que teria levado os ilhéus cicládicos e cretenses a desenvolverem diferentes abordagens com relação à sua insularidade. Alexandra S. Sfyroera, em *Island on a pendulum: Naxos between isolation and connectivity*, analisando o caso da ilha de Naxos na longa duração (da Idade do Ferro à época romana), discute as diferentes fases de isolamento e conectividade de Naxos e como os naxianos “forjaram sua identidade e a diferenciaram dos ilhéus de outras ilhas cicládicas e além”. A autora compara a insularidade de Naxos com um pêndulo, cujo movimento de vai e vem ocorreu devido à várias interferências, sendo a posição geográfica e a geomorfologia de Naxos o ponto fixo desse pêndulo. Tadeu Andrade, em *Insularity and the unique position of Aeolic song in archaic Greek poetry*, mostra “como a geografia insular de Lesbos contribuiu para o *status* singular de sua poesia em época arcaica – tamanho, unidade territorial e relativo isolamento, junto à sua coesão étnica e linguística”. Os fragmentos analisados evidenciam que “não apenas os eólios adaptaram o fraseamento pan-helênico a suas métricas, mas desenvolveram um sistema próprio de fórmulas”.

Dora Katsonopoulou, em *Travelers in the Mediterranean: The Case for Ancient Parians*, por meio das evidências arqueológicas e literárias, analisa as conexões de Paros com diferentes regiões do Mediterrâneo (norte do Egeu e Adriático) e com o Mar Negro a partir do papel destacado na colonização grega nas épocas arcaica e clássica. A autora também dá destaque em seu estudo ao importante desenvolvimento cultural que essa pólis-ilha alcançou e exportou aos locais onde colonizou e com que manteve contato, como é o caso da Itália do Sul. Eirene Poupaki, em *Stone artifacts from Agathonisi, Dodecanese, Greece: evidence of insularity*, a partir de categorias de artefatos em pedra encontrados em Kastraki, na ilha de Agathonisi no arquipélago do Dodecaneso, publicados pela primeira vez neste dossiê, discute a conectividade dessa pequena ilha com Mileto e outras cidades e ilhas na costa da Ásia Menor nas épocas clássica e helenística, por meio da origem desse material (locais e importados) e sua forte afiliação com os locais citados. Fabio Augusto Morales, em *Mithridates, Helianax and Late Hellenistic Delos as global city: urban insularity and integration fields*, acrescenta o debate da história global ao tema da conectividade, mostrando como outras perspectivas teóricas podem ser associadas à insularidade. O templo dedicado a Mitridates na ilha de Delos no final do século II a.C. é analisado a partir do tema da insularidade urbana, cidade mundial/global

e campos de integração. O autor conclui que “conexões da elite délia foram moduladas pela insularidade urbana particular de Delos e suas relações a processos de integração mediterrâneos”.

Anna Kouremenos encerra a seção de artigos do dossiê com seu estudo intitulado *Insularity and imperial politics: Hadrian on the Greek islands*. A partir das evidências arqueológicas e literárias disponíveis, a autora discute o papel das ilhas gregas para o império romano e sobretudo para os imperadores, destacando a presença de Adriano e o tema de conectividade *versus* isolamento insulares durante o seu reino. Em uma análise que vai além do contexto egeu, as ilhas gregas serviram como locais de exílio, foram escolhidas como residências de romanos, mas nunca foram colônias. Ilhas chegaram a ser presentes de imperadores: Adriano, por exemplo, chegou a dar de presente à Atenas a ilha de Cefalônia no mar Jônico. A autora defende que as ilhas gregas foram a Adriano muito mais que instrumentos à agenda política, como foram a imperadores precedentes. Para este imperador foram espaços da história única do passado grego.

Jesper Tae Jensen oferece ao dossiê a resenha do livro editado por Anna Kouremenos e Jody Michael Gordon intitulado *Mediterranean Archaeologies of Insularity in an Age of Globalization*.

A seção de entrevistas traz duas contribuições importantes no campo dos estudos sobre ilhas: a entrevista com Gilberto da Silva Francisco, que apresenta a pesquisa arqueológica a qual coordena no santuário da deusa Hera na ilha de Delos, e a entrevista com Jonathan Pugh a respeito de seu livro *Anthropocene islands: Entangled Worlds* escrito com David Chandler. Em uma entrevista disponível apenas no formato escrito, Gilberto da Silva Francisco proporciona um panorama desde o histórico das escavações até o estado da atual das pesquisas acerca do culto de Hera em Delos.

Realizada no formato *live* no canal do LEIR-MA/USP no Youtube, a entrevista que realizamos com Jonathan Pugh em setembro de 2021, e publicada aqui em formato escrito, encerra este dossiê. A conversa com Jonathan Pugh trouxe questões muito contemporâneas ao debate acerca da insularidade e do estudo de ilhas, que vão além dos temas mais estudados neste campo, que é o de isolamento e conectividade. As ilhas “devem ser vistas mais a partir do conceito de *islandness* do que pela definição tradicional de ilhas como entidades cercadas por água”. Como as ilhas se tornaram um tópico periférico no pensamento moderno? Como as ilhas no Antropoceno passaram a ser vistas

como centros de interesse? Essas e outras questões são tratadas em detalhes ao longo da entrevista.

O volume 12, número 2 da *Revista Mare Nostrum* (julho-dezembro de 2021), que contempla o presente dossiê, também apresenta dois artigos e uma resenha na seção de temas livres. Felipe Aiala de Mello, em *Plutarco e os Lágidas: representação identitária e propaganda imperial*, busca analisar as representações identitárias dos Lágidas e do Oriente forjadas por Plutarco em *Vidas Paralelas*. Plutarco, a partir de dicotomias opositivas estereotipadas sustentadas por preceitos helênicos, subjuga os Lágidas e o Oriente, em prol de uma suposta superioridade baseada em uma hierarquização cultural e moral, em sintonia com a propaganda romana. Ludimila Caliman Campos, em *Seria lícito se ocupar da espada, quando o senhor proclamou que quem a usa perecerá por ela? Tertuliano e a polêmica do serviço militar (século III)*, analisa o pensamento de Tertuliano quanto à polêmica do serviço militar cristão a partir de duas de suas obras: *De Idololatria* e *De Corona*. Para a autora, a questão levantada por Tertuliano nesses tratados evidencia um Cristianismo preocupado não somente com a manutenção do *status quo* de uma ética cristã, considerando todas as polêmicas que envolviam o serviço militar, mas expõe uma necessidade urgente de diferenciação identitária com o seu culto rival, o mitraísmo. Matheus Treuk Medeiros de Araujo contribui com a resenha do livro *A Pérsia Aquemênida em perspectiva: uma nova síntese historiográfica* - Brosius, Maria. *A history of ancient Persia: The Achaemenid empire*. Hoboken, New Jersey: Wiley-Blackwell, 2021. Trata-se da resenha do livro, a seu ver, “mais atual” e que “deverá se impor como bibliografia geral sobre o tema”.

A publicação desse dossiê e número da *Revista Mare Nostrum* não teria sido possível sem a colaboração de alguns colegas: Estevam Lima de Almeida que revisou as normas de publicação de todos os artigos e resenhas deste volume, Fabrício Sparvoli pela organização final e publicação dessa edição, Gabriel Cabral, que colaborou com a organização da entrevista *live* com Jonathan Pugh, Luigi Lafasciano, que transcreveu a entrevista de J. Pugh, Gilberto da Silva Francisco, pela criação da capa deste volume, e Ana Paula Scarpa e Pedro Luís de Toledo Piza, que propiciaram todos os caminhos até a publicação deste número. Também gostaríamos de agradecer nominalmente aos revisores dos artigos e resenhas, colaboradores neste volume: Alexandra Alexandridou, André Malta, Anita Fattori, Cristóvão José dos Santos Jr., Daniel Figueiredo, Fabio Augusto Morales, Francisco de Assis Sabadini, Guilherme Diogo Rodrigues, Georgia Kokkorou-

Alevras, Gustavo Oliveira, Jesper Tae Jensen, Joana Clímaco, Norberto Luiz Guarinello, Robert Sutton, Sarah Azevedo, Thomas Coward, Uiran Gebara da Silva, Vicky Vlahou e Vinciane Pirenne-Delforge. Somos gratas a todos os estudiosos que colaboraram neste volume e especialmente aqueles especialistas que, mesmo diante dos contratempos pandêmicos, enviaram suas preciosas contribuições ao dossiê. E finalmente, aos editores principais da *Revista Mare Nostrum*, Norberto Luiz Guarinello e Gustavo Oliveira, agradecemos a oportunidade de estimular o debate e a pesquisa sobre insularidade na academia brasileira.

As editoras,

Lilian de Angelo Laky (Departamento de História, Universidade de São Paulo).

Erica Morais Angliker (The Danish Institute of Mediterranean Studies, Diomedes,
Copenhagen).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Braudel, F. (2016). *O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Épocas de Filipe II* (2 Vols.), Trad. G. C. Cardoso de Sousa. Sao Paulo: Edusp.
- Braudel, Fernand. (1975). *The Mediterranean and the Mediterranean World in the Age of Philip II*, (Vols. I-II), Transl. Siân Reynolds. New York and Evanston: Harper & Row.
- Broodbank, C. (2000). *An Island Archaeology of the Early Cyclades* Cambridge: Cambridge University Press.
- Brun, P. (1996). *Les archipels égéens dans l'Antiquité grecque (Ve - IIe siècles av. notre ère)*. Paris: Belles Lettres.
- Cherry, J. (1981). Pattern and process in the earliest colonisation of the Mediterranean islands. In *Proceedings of the Prehistoric Society*, (47), 41–68.
- Collar, A., F. Coward, T. Brughmans, and B. J. Mills. (2015). Networks in archaeology: Phenomena, abstraction, representation. *Journal of Archaeological Method and Theory* (22) 1, 1–32. doi:10.1007/s10816-014-92356
- Costantakopoulou, C. (2010). *The Dance of the Islands: Insularity, Networks, the Athenian Empire, and the Aegean World*. Oxford: Oxford University Press.
- Dawson, H. (2014). *Mediterranean Voyages. The Archaeology of Island Colonisation and Abandonment*. Walnut Creek: Leftcoast Press.
- Dawson, H. (2015). Deciphering the elements: Cultural meanings of water in an island setting. *Accordia Research Papers*, (14), 13–26.
- Dawson, H. (2019a). Network science and island archaeology: Advancing the debate. *The Journal of Island and Coastal Archaeology*. doi: 10.1080/15564894.2019.1705439
- Dawson, H. (2019b). As good as it gets? Optimal marginality in the *longue durée* of the Mediterranean islands. *Journal of Eastern Mediterranean Archaeology*, (7) 4, 451–465.
- Dawson, H. (2019c). Island archaeology. In *Encyclopedia of Global Archaeology*, ed. C. Smith. New York: Springer Nature Switzerland AG, 1–8. doi:10.1007/978-3-319-51726-1
- Dawson, H. (2021). At the heart of Mare Nostrum: Islands and “small world networks” in The Central Mediterranean Bronze Age. In *Bridging Social and Geographical Space through Networks*, eds. H. Dawson and F. Iacono. Leiden: Sidestone Press, 71-87.

- Dawson, H. and Pugh, J. (2022). The lure of Islands: A cross-disciplinary conversation. In *European Islands between Isolated and Interconnected Life Worlds, Ressourcen Kulturen* 16, F, Schön, L. Dierksmeier, A. Kouremenos, A, Condit, and V. Palmowski, eds. Tübingen: University of Tübingen Press, 13-30.
- Horden, Peregrine, and Nicholas Purcell. (2001). *The Corrupting Sea. A Study of Mediterranean History*. Oxford, Blackwell Publishers.
- Knappett, Carl. (2013). *Network Analysis in Archaeology. New Approaches to Regional Interaction*. Oxford, Oxford University Press.
- Kolodny, E. Y. (1974). *La Population des îles de la Grèce: Essai de Géographie Insulaire en Méditerranée Orientale*. Aix-en-Provence: Edisud.
- Malkin, Irad. (2011). *A Small Greek World. Networks in the Ancient Mediterranean*. Oxford: Oxford University Press.
- Malkin, Irad, Christy Constantakopoulou, and Katerina Panagopoulou (eds.). (2011). *Greek and Roman Networks in the Mediterranean*. London, Routledge.
- Terrell, J. E. (1977). Human biogeography in the Solomon Islands. In *Fieldiana Anthropology*, (68) 1, 1–47.
- Terrell, J. E. (1999). Comment on Paul Rainbird, “Islands out of time. Towards a critique of island archaeology.” In *Journal of Mediterranean Archaeology*, (12) 2, 240–245.
- Terrell, J. E. (2018). *Dynamic Network Analysis. 3. Connecting the Dots*. <https://sciencedialogues.com/articles/biological/elements-of-dynamic-network-analysis-3-connecting-the-dots/> (accessed 31 December, 2018).